

**MULHERES NEGRAS QUE SALVAM VIDAS: MANTENDO VIVAS AS
MEMÓRIAS, COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS E
DESACOMODANDO A BRANQUITUDE**

RESENHA: RIBEIRO, Djamila. *Cartas para minha avó*. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

Mariana de Almeida Pfitscher¹
Adriane Roso²
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto³

Resumo: O cenário sociopolítico brasileiro nos últimos anos vem fortalecendo práticas de ódio, dentre elas o racismo e as violências de gênero. Em meio a um cenário obscuro, a leitura do livro “Cartas para minha avó” (2021), de autoria da escritora feminista Djamila Ribeiro, produz afago e esperança. Baseada na transmissão de memórias que são marcadas pela relação de Djamila com sua avó, o livro traz experiências que convocam as leitoras à desacomodação da branquitude, à luta pela transformação da cultura patriarcalista e racista, e à valorização das memórias de experiências feministas.

Palavras-chave: Racismo. Branquitude. Feminismo. Djamila Ribeiro

Abstract:

The Brazilian sociopolitical scenario in recent years has strengthened hate practices, including racism and gender violence. In the midst of an obscure scenario, reading the book “Letters to my grandmother” (2021), by the feminist writer Djamila Ribeiro, produces caressing and hope. Based on the transmission of memories that are marked by Djamila’s relationship with her grandmother, the book brings experiences that invite readers to dislodge whiteness, to fight for the transformation of patriarchal and racist culture, and to value memories of feminist experiences.

Key-words: Racism. Whiteness. Feminism. Djamila Ribeiro

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em Psicologia (UFSM). Integrante do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão VIDAS

²Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-Doutora em Psicologia Social (Harvard University) e em Comunicação (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM). Líder do Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão VIDAS.

³ Psicóloga. Doutora em Psicologia social e institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa Poli. Coletivo de estudos em filosofias da diferença e polipoéticas da subjetividade

O livro “Cartas para minha avó” foi escrito pela filósofa, escritora e teórica feminista Djamila Ribeiro, indicada pela revista Forbes Brasil como uma das 20 Mulheres de Sucesso do Brasil, indicação esta relacionada ao fato de ela ser, em 2020, a autora brasileira que mais vendeu livro pela plataforma Amazon™. Em forma de cartas narrativas, o texto é endereçado à sua avó, falecida quando Djamila ainda era criança. De forma sensível e carregada de afeto, a autora reconstrói suas memórias da infância, escrevendo, em palavras-vivas, lembranças de sua avó que, para ela, “[...] têm gosto de manga verde e doce de abóbora. Têm cheiro de feijão e jantar às seis da tarde. [...] [que] adoçava a boca e benzia a alma” (RIBEIRO, 2021, p. 9).

Livros também têm gosto, cheiro, textura. Esse livro tem gostinho de doce caseiro de abóbora com cravo e canela, de textura crocante por fora e sedoso por dentro. Cada página, cada memória exala sabor de infância, misturado aos perfumes daquelas vovozinhas que temos vontade de afagar, ou adotar como nossas avós. Em alguns trechos, no entanto, sobressai-se um gosto ácido, como algo indigesto que, com dificuldades, engolimos ao passar das páginas.

É porque, junto às belas lembranças, Djamila apresenta, em um contexto vincado pelo racismo, suas dores, seus sofrimentos. Afinal, infância (e velhice) não é só doçura; há amarguras, mas que, neste livro, são narradas com a delicadeza de quem sofreu, mas soube encontrar possibilidades de ressignificar a experiência da dor. As memórias registram sua luta cotidiana de se fazer existir, conquistar uma vida digna e se tornar humana, luta esta que fez parte da história de sua avó e de suas antepassadas.

Esse processo de transformar a dor em luta contra o racismo foi aprendido por Djamila, em grande parte, na convivência com a avó Antônia – “a matriarca de uma das poucas famílias negras de São Dimas, bairro que depois se tornaria de classe média” (RIBEIRO, 2021, p. 12). Antônia quebrou o ciclo da violência na educação das crianças, amando Djamila incondicionalmente. Foi sua avó quem “humanizou toda uma linhagem” e, acima de tudo, transmitiu um saber que possibilitou Djamila tornar-se a Djamila Ribeiro.

O lugar que a avó ocupa na vida de Djamila é central na narrativa. Ela parece cumprir um papel de adoçar os efeitos da rigidez da mãe de Djamila, Dona Erani, uma mulher com mania de limpeza e que parecia não abrir espaço para os filhos errarem.

Embora pareça um simples traço de caráter, a exigência de que os filhos nunca errassem e que estivessem sempre limpos e impecáveis é entendida por Djamila como uma exigência de raça: preto não pode errar, “errar é privilégio de brancos” (Ribeiro, 2020, p. 23). Ainda que Djamila reconheça que esse modelo de educação visava o preparo para enfrentar a brutalidade do mundo para com as pessoas negras e que derivava de um sistema que violentava o povo negro, os efeitos educacionais em Djamila foram o de acentuar “os problemas de autoestima que o racismo [...] causava” (RIBEIRO, 2020, p. 23).

O livro é composto por muitas cartas curtas (2 ou 5 páginas), que poderão ser bem apreendidas se forem lidas na sequência, mas não obrigatoriamente. As cartas não são enumeradas e, com exceção da primeira que inicia com uma chamada à “Querida vó Antônia”, as demais não têm endereçamento de abertura. São cartas de cunho autobiográfico, que soam como conversas\confissões e situam os efeitos do racismo na vida da autora, na constituição da subjetividade. À medida em que a narrativa se desenvolve, Djamila mostra como ela vai aprendendo, semelhante aos seus antepassados, a fazer “jarras inteiras de limonada com só meio limão” (RIBEIRO, 2020, p. 17). Djamila não nega essa incrível criatividade do povo negro, mas questiona a escassez a que sempre fora submetido. Escassez de recursos e de condições de tornarem-se humanamente respeitados.

Deste modo, logo no início do livro, Djamila questiona o quanto as mulheres negras precisam ser fortes, situando essa representação como uma visão muito cruel. “Não somos naturalmente fortes. Precisamos ser porque o Estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade é assumir fragilidades e dores das próprias condições humanas” (RIBEIRO, 2021, p. 15). É nesta perspectiva que a filósofa discorre sobre as histórias vivenciadas na infância e adolescência enquanto uma mulher negra, suas privações, olhares, julgamentos, mudanças, violências, entre elas, de um abuso sexual e psicológico, acometido pelos inúmeros silenciamentos a que as mulheres são submetidas.

Djamila também discorre sobre os ressentimentos em muitas partes do livro. “Quantas histórias eu teria aprendido, quantos colos eu perdi. Sobretudo, o quanto não conheci você e Dona Erani como mulheres, para além do papel de avó e mãe” (RIBEIRO, 2021, p. 18). Lembremos que esta é uma das pautas do feminismo, o quanto à mulher cabe, em sua história, um único destino, a maternidade e a vida privada. Djamila

compartilha sua maneira singular de ser mãe de Thulane, num relato afetivo e humano de quem mostra a realidade de educar a filha num mundo racista, machista e que não se cansa de sexualizar os corpos femininos. Uma maternidade em que pôde amar sem abdicar de sua existência como sujeito.

O livro também aborda o racismo entranhado no âmbito escolar e acadêmico. Em sua infância fora vítima daquilo que ela chamou de “círculo de horrores”, quando os meninos da escola faziam uma roda em sua volta e ficavam repetindo “orra neguinha, orra neguinha”. Na faculdade o círculo mudou, mas teve de enfrentar muitos outros desafios na vida acadêmica para conseguir um diploma, um lugar de respeito e romper com o ciclo de empregadas domésticas a que as mulheres de sua família faziam parte.

Na sequência de cartas apresentadas, a autora reflete sobre a tradição, a cultura, os filmes e a forma com que são transmitidas as discussões acerca das questões raciais em nossa sociedade. Em especial, uma das cartas fala sobre cumplicidade entre mãe e filha, o olhar entre mulheres: “o sentido mais profundo: o de me proteger das violências que somente mulheres sofrem” (RIBEIRO, 2021, p. 43). A cumplicidade entre as mulheres de sua família criou um mundo no qual ela “sabia que juntas as mulheres poderiam se fortalecer” (Ribeiro, 2021, p. 51), um mundo no qual ela aprendeu a admirar e amar as mulheres. Construir na diferença e na cumplicidade é o que marca a escrita da filósofa neste texto. A mãe que espanta os “mal-intencionados”, que protege a filha, a avó que ensina a importância de que as mulheres saibam se defender. Mesmo que sua avó e sua mãe nunca tivessem tido conhecimento sobre o que era feminismo, contribuíram para a construção das condições em que Djamila pudesse ser feminista.

O reconhecimento das narrativas da avó e da mãe marcam importantes reflexões conduzidas por Djamila, sobre o lugar da maternidade, dos relacionamentos amorosos, da sustentação de um lugar de fala e da valorização das posições ocupadas pelas mulheres que transmitiram à ela e a nós leituras, importantes registros feministas. Neste contexto, traz relatos da adolescência que foi marcada por perdas, além da perda da avó, Djamila lembra o momento em que sua casa, de apenas dois quartos, foi o espaço de acolhimento de dois primos que haviam perdido a mãe, ali, ela também perdera seu espaço, para zelar pelo princípio do apoio à família. Sobre esse contexto narrado pela autora de sua própria história, lembra que "Pra minha mãe, porém, não foi fácil, pois enquanto meu pai bancava

o herói para comunidade, era ela quem precisava cuidar de todo mundo” (RIBEIRO, 2021, p.53).

A crítica de Djamila à imagem da mulher que tudo suporta contribui para repensarmos sobre a persistência do mito do amor materno (BADINTER, 2009), da mãe perfeita e a consequente invisibilização da sobrecarga das mulheres-mães. Na medida em que o homem está na posição de incompreendido e a mulher na condição de “amargurada” as sociedades ficam amarradas a uma estrutura patriarcalista, machista. O reconhecimento das condições de aprisionamento da mãe, a partir do estranhamento da posição taxativa “a sua mãe é louca” (Ribeiro, 2021, p.56), permitiu com que Djamila quisesse conhecer e entender mais sobre essa mulher/mãe e suas privações. E a autora nos convida a trilhar, pelas curvas de suas palavras, a construção das (suas) relações de gênero.

Entre tantas coisas bonitas e difíceis no testemunho apresentado ao longo da obra, Djamila nos convoca a reconhecer que, muitas vezes, estamos na posição de onerar, julgar, criticar outras mulheres, ao invés, de estarmos ao lado, para testemunhar, escutar e apoiar, o quão difícil é ser mulher em nossa sociedade. O feminismo tem uma história de muitas gerações e culturas que precisa ser valorizada. “Cartas para minha avó” é um potente manifesto e uma potente memória da história das mulheres.

A escrita como um manifesto

Djamila tornou-se uma porta voz do feminismo negro e ressalta na sua narrativa a importância de conhecermos nossas histórias, nossas experiências e nossas lutas. Ela sustenta importantes discussões sobre o racismo no contexto da sua vida, lutas também vivenciadas pela sua mãe e avó, as quais instigaram que essa história pudesse ser contada.

Pelas palavras “nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos” (BONDÍA, 2002, p. 21), então, a escrita de um livro possibilita a experiência da experiência, ou ser tocada duplamente, duramente e suavemente ao mesmo tempo. Djamila escreve muitas vezes ao longo do texto: “nunca te falei sobre isso avó/mãe”, “como eu gostaria de ter dito sobre isso”. Entendemos a escrita deste livro como um manifesto, como uma fenda que abre uma visão de mundo às mulheres e ao movimento feminista, é um livro que defende o quanto precisamos estar juntas.

A autora tem uma sensibilidade na sua escrita que permite olhar a história das mulheres a partir da nossa própria história. Ela permite a ressignificação da relação que temos com as mulheres, por exemplo, quando diz que sua mãe na adolescência foi proibida de jogar basquete, pois acreditavam ser um esporte para mulheres lésbicas, Djamila diz “minha mãe teve suas asas cortadas por muitas tesouras, e dizer a ela que a compreendíamos foi como fazer um pedaço se colar” (RIBEIRO, 2021, p. 58).

“Cartas para minha avó” é uma obra que faz uma intervenção, produz reflexão sobre as nossas relações e nossa história enquanto mulheres. Faz perceber o quanto nós, mulheres, acabamos culpando outras mulheres pelas condições que nos são impostas. Explica que não se trata de dizer que outras mulheres não cometeram erros, mas de perceber que poucas vezes oneramos os homens a esses erros. “Antes de fazer uma aliança entre nós, mulheres, a gente aprende a se ressentir umas das outras, sem cogitar que os homens têm responsabilidades por suas omissões” (RIBEIRO, 2021, p. 66). Entender que não se pode esperar nada dos homens é inseri-los numa lógica que os isenta de responsabilidades e acabamos por nos violentar entre nós, mulheres.

“Cartas para minha avó” não é um livro teórico, mas se configura como uma contribuição fundamental às estudiosas dos feminismos, sobretudo do feminismo negro, decolonial, interseccional, à medida em que reconstrói memórias que oferecem subsídios para pensar criticamente o racismo, a maternidade, o trabalho doméstico, as relações amorosas, entre outros temas implicados na produção de vidas.

Reconhecimento da (nossa) branquitude na leitura

A leitura que fizemos desse livro – mulheres brancas, jovens, acadêmicas e em situação econômica confortável – foi uma descoberta daquilo que tem sido negado e apagado dos discursos públicos: a busca das mulheres negras pelo direito de existirem, de serem consideradas humanas. E esta negação e apagamento estão relacionadas ao fato de a constituição sócio-histórica e política da branquitude estar fortemente vinculada ao próprio processo da construção da humanidade e do sentido da antinomia humano\inumano.

Nós não nos identificamos “com o lugar simbólico da branquitude” (Schucman, 2014, p. 92) e apostamos na urgência de se “construir fissuras entre a brancura e a

branquitude” (ibidem). Pensamos que um caminho possível é incluir em nossas vidas e no cotidiano acadêmico obras de mulheres negras.

A leitura do livro escrito por Djamila foi uma experiência marcante e inesquecível para nós, pois não apenas ativou nosso imaginário social como nos convocou a nos desacomodar da (nossa) branquitude, esse dispositivo político tão perverso, atuante junto ao racismo, e que naturaliza e generaliza representações sociais acerca daquelas pessoas que devem morrer por serem consideradas “da raça ruim, da raça inferior” (ou do degenerado, ou do anormal), como já pontou Foucault (1999, p. 305).

Ler essa obra nos encoraja e nos inspira a continuar escutando histórias de mulheres. Somos mulheres brancas, imersas, desde antes do nascimento, na branquitude. As experiências e as dores de Djamila não são as mesmas que a nossa, pois não somos violentadas pelo racismo, ao contrário, somos coprodutoras do racismo. Esse “modelo rígido de ‘não poder errar jamais’”, “o medo da violência policial [que] faz com que as mães negras não possam permitir que seus filhos errem” (Ribeiro, 2021, p. 23), a impossibilidade do livre-brincar na infância, já que Djamila “é preta, ela não pode brincar com a gente”, são memórias que não temos.

É fato que quando escolhemos um livro e nos embrenhamos em suas páginas, iniciamos uma experiência muito pessoal. Certamente o impacto da leitura é singular a cada vida, a cada experiência, ainda que esta seja situada e entretecida pela história das sociedades. Todavia, seu escrito nos desacomoda e nos mostra a urgência de nós também, mulheres brancas, mudarmos radicalmente nosso pensar, nossos comportamentos e atitudes, nossas representações acerca das mulheres, do racismo, da branquitude.

Certamente outras resenhas deste livro serão escritas e por mulheres negras... mas pensamos ser importante mulheres como nós resenhar livros escritos por mulheres negras, não para mostrar que temos um saber que nos qualifica a fazer tal registro, muito menos para ocupar um lugar de fala que não é nosso, mas para fazer ode à escrita das mulheres negras, para ecoar suas vozes, estarmos unidas como mulheres. Há violências que somente mulheres sofrem e, nesse enfrentamento, *Cartas para minha avó* mostra a força das alianças. Mostra que juntas, com olhares de cumplicidade, poderemos romper com efeitos nefastos da histórica normalização da branquitude. Mostra que juntas podemos permitir que nenhuma mulher siga olhando o mundo apenas pelas frestas. Mostra que juntas podemos humanizar nossas vivências e salvar nossas vidas.



As mulheres negras salvam (desde sempre) nossas vidas. Obrigada por este livro.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, jan, fev., mar., abr, 20-28. 2002.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. *Cartas para minha avó*. 1.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2014, 26 (1), 83-94. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010> Acesso em 17 de Junho de 2022.